



## Por ser mulher, Margrethe II só virou rainha após mudança na lei

Soberana da Dinamarca deixa hoje o trono que ocupou por 52 anos, abdicando a favor do filho mais velho, o futuro rei Frederik X

AMANDA SCATOLINI  
amanda.scatolini@globo.com.br

Descendente de uma das mais antigas famílias reais do mundo, com cerca de um milênio de existência, a popular rainha Margrethe II vai abdicar do trono da Dinamarca hoje, deixando o caminho para seu primogênito, príncipe Frederik, tornar-se o novo rei. Margrethe anunciou a abdicación em 31 de dezembro, devido, sobretudo, à saúde (ela passou por uma cirurgia nas costas em fevereiro passado, o que a manteve afastada por meses da vida

pública), mas também pela importância de "passar a responsabilidade" de chefe de Estado para a nova geração.

### RAINHA 'INESPERADA'

Nascida Margrethe Alexandrine Þórhildur Ingrid, em 16 de abril de 1940, em Copenhagen, uma semana após a invasão nazista em seu país, a rainha é a primogênita do rei Frederik IX e da rainha Ingrid. A mais velha de três filhas — sendo elas a princesa Benedikte, 79 anos, e a princesa Anne-Marie, 77 anos, que posteriormente se tornaria a última rainha consorte

da Grécia — Margrethe não havia sido criada para reinar. O motivo? Era mulher. E, até então, somente herdeiros homens poderiam assumir o trono na Dinamarca.

Por isso, já que não tinha herdeiros homens, Frederik IX promoveu uma profunda mudança na lei dinamarquesa para dar o direito às suas filhas de entrar na linha de sucessão. Tal mudança, entretanto, não seria imediata, exigindo aprovação, em 1953, do Ato de Sucessão pelo Parlamento, o Folketing, e também da população dinamarquesa, que apoiou a decisão de tornar Margrethe a primeira herdeira real em um referendo no mesmo ano.

Foi somente duas décadas depois, em 14 de janeiro de 1972, que Margrethe, então, foi coroada rainha. Com a morte do pai, ela se tornou a primeira soberana dinamarquesa a assumir o trono após a mudança na lei — e a segunda nos mil anos de monarquia no país, após sua antecessora distante Margrethe I, que reinou entre 1387 e 1412.

Em 2009, o Ato de Sucessão foi novamente modificado, desta vez para estabelecer igualdade na sucessão ao trono, sem a prerrogativa da preferência masculina que ainda existia.

Desde então, o filho mais

velho do soberano, independentemente do sexo, herda o trono, seguindo o princípio de primogenitura.

### PAIXÃO PELAS ARTES

Quando jovem, Margrethe frequentou a Escola de Meninas de Copenhagen e, mais tarde, continuou seus estudos na Universidade de Copenhagen, onde se formou em arqueologia pré-histórica. A rainha também passou pelas universidades de Cambridge e London School of Economics, ambas no Reino Unido, e a Sorbonne, Paris.

Respetada até hoje por seu envolvimento em várias atividades culturais, Margrethe — carinhosamente apelidada de "Daisy", em referência ao seu nome, que se traduz como "Margarida" — sempre se interessou pela arte, tendo algumas de suas pinturas exibidas em museus na Dinamarca e no exterior.

Além disso, a rainha é uma famosa ilustradora, tendo no currículo ilustrações da trilogia de "O Senhor dos Anéis" de J.R.R. Tolkien. Mais recentemente, ela atuou como designer de figurino e de produção para o filme de fantasia da Netflix, "Ehrengard: a arte da sedução". Margrethe se casou com o diplomata francês Henri

**Successo.**  
Rainha Margrethe II anunciou em dezembro que abdicaria do trono da Dinamarca por questões de saúde.

Marie Jean André de Laborde de Monpezat em 10 de junho de 1967, na Igreja de Holmen, na capital dinamarquesa. Com a união, o francês, da cidade de Talence, abriu mão de seu nome e se tornou Henrik, príncipe consorte. O casal teve dois filhos: o príncipe Frederik, nascido em 1968, herdeiro do trono, e o príncipe Joachim, nascido em 1969.

### POLÊMICAS NA FAMÍLIA

Durante seus 50 anos de casamento, o príncipe consorte expressou publicamente suas frustrações. Entre as maiores queixas, estava o fato de não ter sido chamado de rei ou rei consorte, e de ter dependido financeiramente de sua esposa.

Assim, em 2017, aos 83 anos, Henrik anunciou que não desejava ser enterrado ao lado da rainha. "Se eu quiser me enterrar com ela, ela precisa me fazer um rei consorte", disse à revista dinamarquesa *Se og Hør* em 2017. Seis meses depois, morreu e foi cremado, com metade de suas cinzas espalhadas nas águas dinamarquesas e a outra enterrada em jardins privados.

Além das controvérsias com o marido, a rainha também esteve no centro de uma outra polêmica familiar recente.

Logo após passar por uma cirurgia nas costas, em 2023, decidiu retirar o título real de quatro de seus netos. A justificativa era permitir que eles vivessem vidas mais "normais", mas a decisão provocou reações críticas dentro da família, inclusive de Joachim — pai das crianças e sexto na linha de sucessão. A reação negativa levou a rainha a fazer uma lamentação pública, mas a decisão foi mantida.

### PAPEL FORMAL NA POLÍTICA

Na Dinamarca, uma monarquia constitucional, o soberano, como chefe de Estado, não participa da política e não expressa opiniões políticas. Quem detém os poderes cotidianos da governança, nesse regime, é o primeiro-ministro — no caso da Dinamarca, o cargo é ocupado por Mette Frederiksen desde 2019.

Como chefe de Estado, o soberano participa na formação de um novo governo ao nomear formalmente o líder do partido que obteve a maioria dos assentos no Folketing. Da mesma forma, é também quem demite formalmente os ministros.

Além disso, o soberano tem, ainda, o papel de comandante em chefe das Forças Armadas do país, sendo também a autoridade suprema da Igreja Luterana da Dinamarca.

## Candidato hostil à China vence eleição em Taiwan

William Lai dá ao Partido Democrático Progressista sua terceira vitória consecutiva, aprofundando divisões com Pequim

O candidato governista à Presidência de Taiwan, William Lai, venceu as eleições ontem no país asiático com 40,2% dos votos, em um resultado que pode complicar ainda mais as relações com a vizinha China, que considera a ilha uma província rebelde parte de seu território. Lai é vice-presidente do atual governo, que nos últimos oito anos tem demarcado uma linha de atenuação com Pequim, deteriorando as relações bilaterais.

Lai, do Partido Democrático Progressista (PDP), liderava pesquisas de opinião com vantagem de cinco pontos per-

centuais sobre o líder da oposição, Hou Yu-ih, candidato do Partido Nacionalista (Kuomintang), segundo o agregador de pesquisas eleitorais da revista *The Economist*. Hou ficou com 33,5% dos votos, enquanto o terceiro colocado, Ko Wen-je, recebeu 26,5%. O país não realiza 2º turno.

### 'INTIMIDAÇÕES E AMEAÇAS'

A vitória de Lai, em um pleito que teve um forte componente às urnas de 70% do eleitorado, marca a primeira vez em que um partido ganha três mandatos consecutivos à frente do Executivo em Taiwan desde o estabelecimento das eleições diretas

para presidente em 1996.

— Nós mostramos ao mundo o quanto apreciamos nossa democracia. Este é o nosso compromisso inabalável. Taiwan conseguiu uma vitória para a comunidade das democracias — disse Lai após a divulgação dos resultados.

O novo presidente terá agora a tarefa de orientar a segurança de Taiwan e o relacionamento com Pequim nos próximos quatro anos, período em que, segundo especialistas e comandantes militares dos EUA, as Forças Armadas chinesas poderiam tornar-se cada vez mais capazes de realizar a invasão da ilha, que fica a cerca de 150km do continente.



Vitória. Lai celebra sua vitória ao lado de sua vice, Hsiao El-hsin, em Taipé

Antes de sua posse, em maio, Pequim e Washington ficaram atentos aos possíveis sinais de abordagem nas relações com a China, que, além de ser a maior ameaça à autonomia de Taiwan, também é o maior parceiro comercial do país.

Em seu discurso de vitória, Lai foi cauteloso e ofereceu parceria baseada em respeito mútuo, mas deixou entrever os problemas à frente.

— Estamos determinados a proteger Taiwan das intimidações e das ameaças contínuas da China — disse Lai, comprometendo-se a manter a paz e a estabilidade no Estreito de Taiwan.

Taiwan tem governo distinto da China desde 1949, quando os nacionalistas de Chiang Kai-shek se refugiaram na ilha após a derrota para os comunistas de Mao Tsé-tung na Revolução Chinesa.